

O ANTROPOCENO E A PERSPECTIVA DAS EPISTEMOLOGIAS ALTERNATIVAS

Jeniffer Hübner¹
José Marcos Froehlich²

Palavras-chaves: Antropoceno; Epistemologias alternativas; Ciências Sociais.

1. INTRODUÇÃO

O Antropoceno é um termo ainda em disputa, que se refere ao período mais recente do planeta, caracterizado pela aceleração dos impactos ambientais na biosfera promovidos pelos humanos e, uma era não somente geológica, mas também histórico-cultural. O presente trabalho busca analisar as críticas de Donna Haraway ao conceito de Antropoceno, articulando-as com as discussões de Raewyn Connell sobre as epistemologias alternativas. Considera-se que as assimétricas condições sociopolíticas presentes no eixo Norte-Sul global³ influenciam a produção de conhecimentos e também se estendem para a construção do conceito de Antropoceno. Entretanto, é fundamental que exista um termo com poder referencial e de relativo consenso para se referir a este período, possibilitando pensar novas formas de interagir com o mundo.

2. METODOLOGIA

Este é um estudo exploratório e de revisão bibliográfica sobre o conceito de Antropoceno, que busca analisá-lo a partir da perspectiva das epistemologias alternativas. É um exercício reflexivo e crítico que busca captar pistas sobre o devir do conceito de

¹ hubnerjeniffer@gmail.com

² jmarcos.froehlich@gmail.com

³ Connell utiliza o par Norte-Sul para se referir aos países ricos do Atlântico Norte (Estados Unidos, Canadá e Europa) e os países tidos como periféricos na economia e geopolítica global do capitalismo contemporâneo.

Antropoceno. Para Deleuze e Guattari o conceito possui um devir, suscita um acontecimento e opera recortes; possui um devir pois se transforma com os problemas que também mudam. (Re)pensar o conceito de Antropoceno a partir das perspectivas epistemológicas alternativas é em certa medida "lançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo." (Deleuze; Guattari, 1992: 109).

Este artigo deriva de um trabalho realizado junto à disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais do PPGCSociais da Universidade Federal de Santa Maria, que teve como objetivo articular a bibliografia vista com minha proposta de pesquisa de mestrado; as discussões referentes aos autores Raewyn Connell e Boaventura de Sousa Santos foram escritas com base nas aulas desta disciplina. Os parágrafos que remetem às obras de Donna Haraway foram escritos com base em anotações feitas a partir da aula aberta intitulada “Críticas ao Antropoceno” ministrada pelo Prof. Dr. Ronaldo Trindade (InPaSex/USP) na disciplina de Antropologia Contemporânea, no dia 25/08/2021, via google meet, realizada pela professora Jurema Brites (UFSM).

Portanto, este trabalho faz parte de uma fase inicial de revisão bibliográfica de minha pesquisa de mestrado que pretende investigar as atualizações do termo utópico na contemporaneidade com base na análise de vivências comunitaristas, que estabelecem narrativas e eventuais linhas de fuga⁴ em reação à crise do Antropoceno. Nesse sentido, a partir deste exercício, busca-se refletir sobre possíveis respostas a esta crise e também traçar uma linha de fuga perante o próprio sentido hegemônico do conceito de Antropoceno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O debate realizado em 2015 intitulado "Antropologies are talking about Antropoceno" buscou questionar sobre o uso do termo Antropoceno e se ele é adequado para se referir ao atual período. Nesse debate Haraway (2016a) apresentou suas críticas ao Antropoceno. Para ela, o Antropoceno é uma categoria temporal moderna e que se inscreve dentro dos mitos de salvação, pois representa o apocalipse e também produz silenciamento de povos não-modernos.

4 Linhas de fuga significam movimentos de desterritorialização que realizam conexões e ampliações em torno dos sentidos de algo, são desdobramentos ligados à criação de novas espacialidades e temporalidades (Deleuze; Guattari, 1996).

A par destas considerações, Haraway (2016a) apresentou o termo Chthuluceno para provocar e abrir a discussão em relação ao termo Antropoceno. Para ela é necessário pensar em um termo mais potente, menos paralisante, apocalíptico e salvacionista. A sua crítica busca operar fora dos mitos da salvação, criticando a ideia do fim do mundo que o Antropoceno traz em si. Para ela, o período atual não é uma situação final, mas uma situação limite que nos obriga a pensar. Para Haraway é necessário pensar fora das lógicas ocidentais e fornecer um mundo aberto. Outros povos precisam expor suas perspectivas sobre as transformações climáticas e suas visões de mundos. Quem estiver envolvido com esse projeto composicionista deve dar nome a este período, para ser um projeto de construção de um novo período que não seja o fim da história. Haraway postula que é necessário retomar o controle sobre as narrativas, continuar pensando sobre o problema e ir contra a narrativa paralisante; é o momento de pensar novas formas de compor com o mundo, onde coabitam vários mundos e as agências não humanas.

Em Connell (2012) vemos a análise da dimensão geopolítica das ciências sociais, em que os cânones advêm do Norte global. As formas de produção de conhecimento e o que nomeamos teoria provêm desta parte do mundo. Esse contexto para Connell é marcado pela expansão do colonialismo, tal relação de poder se interiorizou na própria produção de conhecimento e se mantém na atualidade. Por isso, a produção de conhecimento possui uma relação assimétrica, o Sul do mundo importa as teorias do Norte e as teorias paradigmáticas refletem a relação imperial do conhecimento. O que Connell propõe é muito próximo do que Haraway propõe para pensar sobre o Antropoceno: se a produção de conhecimento ocorrer em outros lugares do mundo, com outros pontos de vista, o centro será deslocado/descentrado e, talvez, multilocalizado.

Para Connell (2012), a construção de conceitos envolve uma reificação da experiência social. Nesse sentido, questiona qual experiência social está sendo reificada e de quais sujeitos. Para ela, a reificação ocorre a partir do posicionamento teórico do Norte global, em que a situação social de quem foi colonizado não está presente. Assim, pode-se apontar que as relações entre o Norte-Sul global se estendem para a construção do conceito de Antropoceno. A estratégia de busca por uma produção de conhecimento fora do eurocentrismo é apontada tanto por Haraway quanto por Connell. Bem como a importância de levar em conta na análise as relações coloniais e as consequências para a formação das relações sociais e de dependência que se constituem a partir desse contexto de domínio geopolítico. De modo que não significa que as teorias geradas nos dois polos do eixo Norte-Sul global sejam de fato profundamente distintas, mas que “o pensamento

social na periferia global ocorre sob condições diferentes, tem pressupostos e possibilidades distintas, e suas consequências têm, para utilizar uma metáfora, um centro diferente de gravidade.” (Connell, 2012: 13). As condições sociais que se estabeleceram no Norte são muito diferentes do Sul, e isso influencia a teoria que é produzida e as condições em que se dá a produção intelectual. Nesse sentido, as relações de dominação geopolítica também devem ser levadas em consideração, possibilitando ampliar a discussão quando se fala sobre as vicissitudes do Antropoceno e como essas relações de poder afetam a forma como os diversos grupos sociais percebem e encaram as mudanças climáticas (Connell, 2012; Haraway et al, 2016a; 2016b).

O colonialismo não terminou com o fim da colonização baseada na ocupação territorial, apenas mudou de forma. A descolonização refere-se a um processo não somente de independência política, mas de uma recuperação ontológica e de reconhecimento do conhecimento produzido no Sul global. A relação de domínio geopolítico evidencia que parte da população foi historicamente privada da possibilidade de representar e transformar o mundo. Portanto, há o desafio de uma descolonização do saber e uma busca por novas representações, conceitos e articulações cognitivas que sirvam para compreensão de nós próprios (Santos, 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho refletimos sobre como as assimétricas condições sociopolíticas presentes nas relações Norte-Sul global influenciam a produção de conhecimento e se estendem para a construção do conceito de Antropoceno. Consideramos que a definição de um termo adequado para se referir ao período atual, que se baseie em pluralismo epistemológico e em uma narrativa não escorada no salvacionismo e no apocalipse pode ser fundamental para constituir uma crítica pós-colonial e compreender que as mudanças climáticas também são reflexo dos processos históricos de dominação presentes nas relações Norte-Sul global. Por outro lado, é fundamental que exista um termo com poder referencial e de relativo consenso para se referir a este período e avançar nas análises e debates sociocientíficos, ampliando sua compreensão. O termo Antropoceno, apesar de estar em disputa e ainda não formalizado pela comunidade científica, demonstra a preocupação sociopolítica sobre as consequências das mudanças climáticas antropogênicas. Propicia o debate sobre novas formas de compor com o mundo, seja a partir da produção do conhecimento, seja a partir de narrativas e práticas de

desenvolvimento “sustentável”; assumindo relevância ímpar as análises dos fatores mais preponderantes para as atuais mudanças socioambientais.

5. REFERÊNCIAS

SANTOS, B. S. Descolonização cognitiva: uma introdução. In: **O fim do Império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do sul. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 161-210.

CONNEL, R. A iminente revolução na teoria social. **RBCS**, Vol. 27, nº 80, outubro, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARAWAY, D. et al. Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene. **Ethnos**, v. 81, n.3, p.535-564, 2016a.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Duke University Press, 2016b.